

Selo americano
presta belo tributo
a Tom Jobim



PÁGINA 3

Jaime Alem,
um virtuose da
viola caipira



PÁGINA 4

Polêmica no Sul
alavanca vendas de
'Averso da Pele'



PÁGINA 6

2º CADERNO



Divulgação

Cillian Murphy é o grande favorito ao Oscar de melhor ator que será entregue no domingo por sua atuação em 'Oppenheimer'

Contagem regressiva para o favorito ao Oscar

Indicado a 13 estatuetas, 'Oppenheimer' volta ao circuito, às vésperas da festa da Academia de Hollywood para ampliar seu faturamento, que beira US\$ 1 bilhão

Por **Rodrigo Fonseca** | Especial para o Correio da Manhã

Se você ainda não viu o favorito ao Oscar de 2024, indicado a 13 estatuetas, consagrado com o Globo de Ouro em janeiro, o circuito carioca vai te dar uma forcinha, numa sacada de mestre da rede UCI: tem sessões de "Oppenheimer" nesta quinta e na sexta, em todos os complexos da rede na cidade. É New York City Center; é Kinoplex Norte Shopping; é Park Campo Grande; é Park Jacarepaguá. Hoje é às 19h. Amanhã é às 21h40. Fãs do inglês Christopher Nolan, seu realizador, vão proliferar. E no dia seguinte à entrega do Oscar, o loga será exibido no Estação NET Rio, às 16h50, na mostra Melhores Filmes do Ano 2023 da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ).

O filme já soma cerca de 300 prêmios, entre eles troféus do Screen Actors Guild, do Producers Guild of America e do Directors Guild. São os três sindicatos mais fortes da indústria cinematográfica dos EUA. O voto deles define quem leva para casa os mimos da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood.

Continua na página seguinte

A obra-prima de um diretor fora dos padrões hollywoodianos

Universal Pictures



O diretor Christopher Nolan, o astro Cillian Murphy e o fotógrafo Hoyte van Hoytema nos sets de 'Oppenheimer'

Visto por 3 milhões de pagantes no Brasil, depois de faturar US\$ 957 milhões nas bilheterias internacionais, “Oppenheimer” já está no streaming, na Apple TV. Pode ser acessado por uma merreca na Amazon Prime Video Store, na Google Play e na YouTube Filmes. Agora, de volta às salas de projeção, pode bater a barreira do bilhão. Foi a terceira maior arrecadação mundial de lavra hollywoodiana em 2023, atrás apenas de “Barbie” (a primeira da fila, com US\$ 1.441.717.724,00 de lucro) e de “Super Mario Bros. Movie” (US\$ 1,3 bilhão de receita).

Estima-se que, neste domingo, na cerimônia da Academia, Robert Downey Jr. seja oscarizado como melhor ator coadjuvante. Eternizado no imaginário pop como Tony Stark, o Homem de Ferro, no momento de exorcismo do fantasma da dependência química, Downey Jr. é o hidrogênio que areja a atmosfera plúmbea de um filme construído para “ser pra sempre”.

Uma postagem na internet do cineasta Paul Schrader, diretor de “Fé Corrompida” (2017) “A Marca da Pantera” (1982) e roteirista de “Taxi Driver” (1976), resume tudo o que o Nolan conseguiu sintetizar ao longo de três horas de pura excelência. Schrader disse: “É o melhor, o mais importante filme deste século”.

O superlativo impressiona e até espanta, não só por soar prematura, mas por ter sido emitido por um criador sábio, extremamente avesso a (quase) tudo o que a indústria hollywoodiana produz.

O que justifica sua fala seja justamente o fato de Nolan não ser aquilo que os estúdios cismam em produzir e, sim, um diretor autor que dirige narrativas personalíssimas, de teor filosófico, em forma de espetáculo, como é o caso do estonteante “Oppenheimer”. Basta dois diálogos para que toda sua força dramática fique evidente: a) “Genialidade não garante sabedoria”; b) “Vocês procuram o sol, só que o Poder

reside nas sombras”. Essa joia aí ao lado é dita pelo almirante Lewis Strauss, intelectual autodidata que busca exterminar a reputação do físico J. Robert Oppenheimer depois de sugar dele aquilo de que a América necessitava em meio à II Guerra: a criação de uma arma nuclear suprema.

O jogo de sedução mefistofélico, mais tarde convertido em caça às bruxas, empreendido por Lewis pode dar a Downey Jr. o Oscar que há décadas ele merece. O filme é quaaaase dele, mas em seu caminho há uma pedra (preciosa) que se chama Cillian Murphy, mas evoca Burt Lancaster... e bem aquele Burt Lancaster de

“O Leopardo” (1963). É Cillian quem encarna o gênio científico por trás da bomba mais assustadora de que a Humanidade tem notícia.

Estruturado na aparência como se fosse uma aula de geopolítica sobre a corrida nuclear, o filme carrega toda a assinatura formal e filosófica do realizador despontou aos olhos da crítica com “Amnésia”, em 2000 e virou objeto de culto (e também de ódio) com a trilogia “Batman” (2005-2012). Tal assinatura se faz viva: 1) no fascínio em relação a episódios que mudaram a História, como visto em “Dunkirk” (2017); 2) o interesse pela gênese

do mal e sua banalidade, como visto em “Insônia” (2002); 3) o encanto pela dimensão humanista da Ciência, o que foi o alimento de seu trabalho mais incensado – e ao mesmo tempo, mais incompreendido – que é “Interestelar” (2014); e 4) o interesse em fazer uma autópsia em corpo vivo das cicatrizes da Guerra Fria, como visto em “Tenet” (2020).

Assombrado por uma implicância rastaquera de parte da crítica de que seus roteiros são por demais explicadinhos (#sqn), Nolan trouxe o sueco Ludwig Göransson para compor a trilha e convocou seu habitual colaborador, o suíço Hoyte Van Hoytema,

para assinar a direção de fotografia, alternando um colorido retinto e um preto & branco em tons de chumbo. Com o suporte deles, o diretor (egresso de uma formação em literatura e irmão do escritor Jonathan Nolan) revirou as páginas de “Oppenheimer: O triunfo e a tragédia do Prometeu americano, de Kai Bird e Martin J. Sherwin (traduzido aqui por George Schlesinger), grifando passagens mais próximas da ontologia e do existencialismo que da lógica matemática.

Ressalte, no filme, a presença Tom Conti (o Mr. Lawrence de “Furto: Em Nome da Honra”) como Albert Einstein.

Por Affonso Nunes

Desde que a Bossa Nova cruzou as areias de Copacabana e Ipanema para ganhar o mundo Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim (1927-1994) tornou-se seu maior embaixador. Nosso Maestro Soberano é até hoje referência para músicos do mundo inteiro, em particular no universo do jazz. As deferências ao genial compositor brasileiro nunca acabam e o selo americano Arkadia Records acaba de lançar o álbum “Thank You, Tom Jobim”, quinto volume de um projeto que já reverenciou as obras de gigantes da canção como John Coltrane (1926-1967), Duke Ellington (1899-1974), Joe Henderson (1937-2001) e Gerry Mulligan (1927-1996).

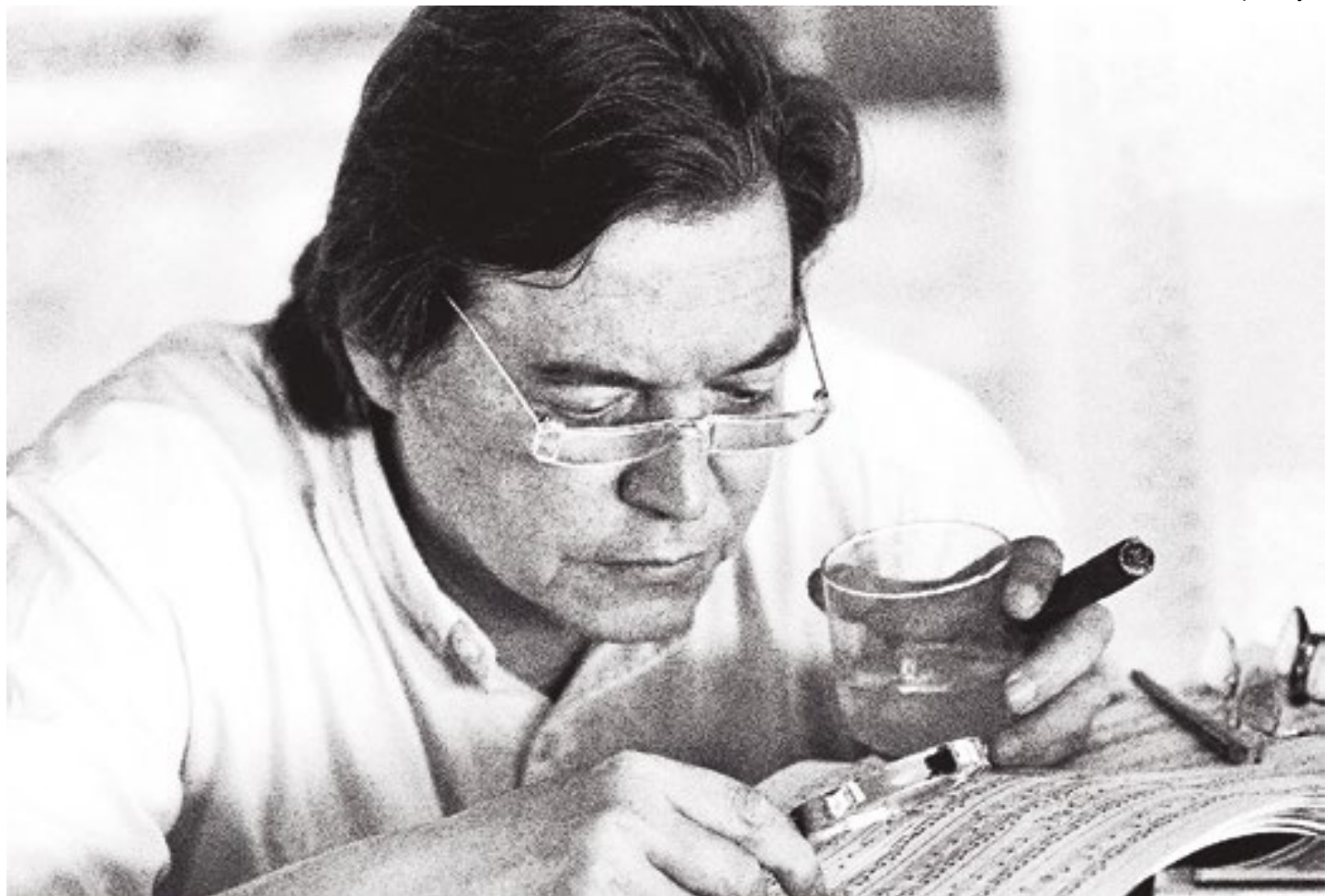
“Thank You, Tom Jobim!” reúne instrumentistas destacados do selo - Benny Golson (sax tenor), Dave Liebman (saxofone soprano), TK Blue (sax alto e flauta), Bob Brookmeyer (trombone), Lee Konitz (sax alto), Randy Brecker (flugelhorn), Harold Land (sax tenor), Stefon Harris (vibrafone), Tetel Di Babuya (vocaís), Nigel Clark (violão) e Ravi Coltrane (sax tenor) - que formam neste trabalho o coletivo Arkadia Jazz All Stars.

Participam ainda do projeto como convidados uma plêiade de músicos: Joe Farnsworth, Billy Higgins, Emilio Martins, Horacio “El Negro” Hernandez, Mike Bradley, Ron Vincent, Lenny Robinson, Guilherme Franco (bateria); Geoff Keezer, Bill Henderson, Daniel Grajew (piano); Dwayne Burno, Gavin Fallow, James Leary, Nilton Leonarde, Ira Coleman, Tony Marino, Dean Johnson (contrabaixo); Harold Ashby (sax tenor); Ron Jackson (guitarra); Ray Ellis e orquestra; Alan Pasqua (teclados), Mario Lima Caribe, Ewen Vernal, Alberto Beserra (baixo elétrico); Guy Nicolson, Jamey Haddad e Café (percussão); Ted Rosenthal, James Weidman, e Achan Inoue (piano); e Eddie Monteiro (vocaís e teclados).

Uma constelação de músicos que deram um novo toque às melodias eternas de Tom Jobim como “Garota de Ipanema”, “Eu Sei Que Vou te Amar”, “Luíza”, “Wave”, “Zingaro” (“Retrato em Branco e Preto”), “Quiet Nights and Quiet Stars” (“Corcovado”) e “Once I Loved” (“Amor em Paz”).

O álbum traz ainda quatro temas originais assumidamente inspiradas na obra atemporal do compositor brasileiro: “Você” (Marcela Sarudiansky), “A Summer Affair” (Nigel Clark), “Theme for Jobim” (Gerry Mulligan) e “Invitation” (Guilherme Franco).

O piano era o instrumento de referência



A obra atemporal de Tom Jobim, o nosso Maestro Soberano, é celebrada com pompa no excelente ‘Thank You, Tom Jobim’, lançado pelo selo americano de jazz Arkadia Records

Obrigado, Maestro!

Projeto do selo americano de jazz Arkadia escala músicos da nova geração para honrar a genial obra de Tom Jobim



Divulgação

de Tom Jobim que, a principio, sonhava em ser concertista. Mas foi estimulado por colegas a se dedicar à composição. Além do interesse pela música de concerto, Tom Jobim tocava na noite carioca na virada dos anos 1950, o que lhe deu traquejo em vários estilos musicais. Mas nunca renunciou à tradição do piano brasileiro que vinha de Ernesto Nazaré (1863-1934) e Heitor Villa-Lobos (1887-1959).

Com mais de 400 canções compostas, Tom formou com o parceiro Vinicius de Moraes (1913-1980) e João Gilberto (1931-2019) a santíssima trindade da Bossa

Nova, gênero de DNA brasileiro (carioca até a medula) que se tornou um ingrediente básico no livro de receitas do jazz.

Com o sucesso irresistivelmente avassalador daquela batida diferente, Tom foi convidado em 1967 para gravar suas músicas com Frank Sinatra nos Estados Unidos e logo depois um especial da rede de TV NBC, ficou marcado na história. Era a primeira e única vez que Sinatra - o maior cantor americano da época - gravava um álbum inteiro dedicado a apenas um compositor.

A sonoridade trazida pelo gênio de Jobim adaptou a variedade rítmica e a emoção percussiva do samba à intimidade de um violão sincopado (aperfeiçoado por João Gilberto), ao mesmo tempo em que ecoava as melodias e harmonias muito similares ao cool jazz que se fazia naqueles anos 1950 e 1960.

O Arkadia Jazz All-Stars foi criado em 1996 por Bob Karcy, produtor, músico, fundador e CEO da Arkadia Records. “Nosso objetivo era aproveitar o brilho criativo dos artistas que gravaram para o selo junto com músicos convidados selecionados que representam algumas das maiores estrelas do Jazz para criar uma série sem igual de álbuns tematicamente unificados”, explica, acrescentando que alguns lançamentos do selo receberam indicações ao Grammy Awards.

CORREIO CULTURAL

Catarina Ribeiro/Divulgação



Anna Ratto revê obra do compositor paulistano

Ana Ratto leva canções de Arnaldo ao Blue Note Rio

A turnê do show “Contato Imediato - Anna Ratto visita Arnaldo Antunes” chega ao palco do Blue Note Rio nesta quinta-feira (7). O repertório reúne novas versões para canções do compositor paulistano, lançadas no álbum homônimo de Anna Ratto, como “A Casa é Sua”, “Desistiu de Mim”, “A Lhe Esperar”, “Ela é Tarja Preta”, e “Ligado

a Você”.

O roteiro inclui ainda canções de Arnaldo Antunes que não entraram no álbum, como “Lágrimas do Mar”, “Sem Você” e “Se Tudo Pode Acontecer”. A banda do show reúne os músicos Kassin (guitarra e direção musical); João Moreira (baixo); Cesinha (bateria) e Antônio Dal Bó (teclados).

Improviso

Estão abertas até o dia 10 as inscrições para o Impro Fight In Cena, reality show pioneiro de improvisação teatral com prêmios que somam R\$ 10 mil. O evento será realizado no Teatro Candido Mendes, em abril, e depois disponibilizado no YouTube.

Pela Baixada

O #estudeofunk realiza no sábado (9), às 17h, o encontro “Mete Marcha pela Baixada”, em prol das vítimas das chuvas na Baixada Fluminense, com apresentação dos artistas do programa de aceleração artística e debate sobre racismo ambiental.

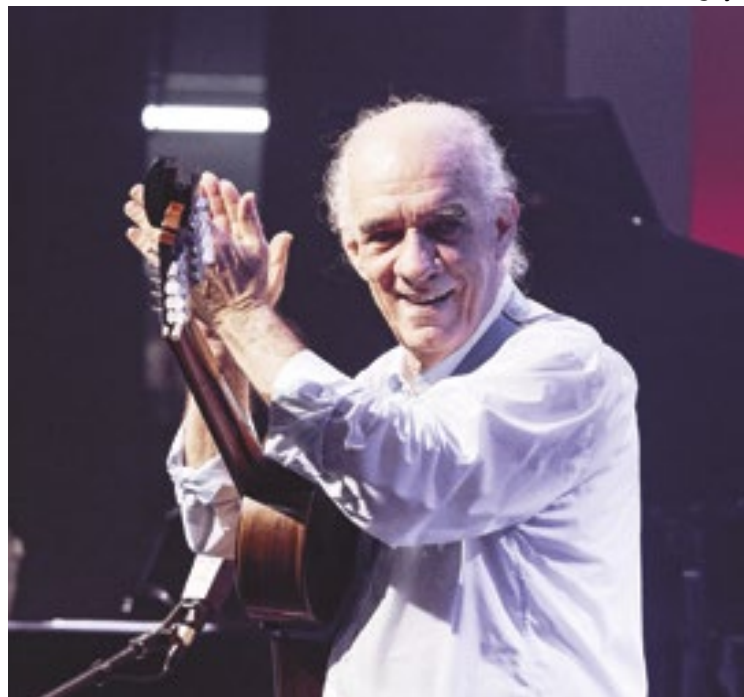
Mais cinema

O Festival Internacional Pequeno Cineasta criou uma plataforma virtual para disponibilizar gratuitamente sua programação para as escolas e comunidades que tenham interesse em realizar sessões dos filmes do festival em sala de aula.

Pepê eterno

A cinebiografia do atleta Pepê, personalidade carioca que marcou sua geração nos anos 1980 e único brasileiro a conquistar o mundial de voo livre, está em desenvolvimento. O filme terá direção de Lipe Binder e roteiro de Patrícia Andrade.

Renan Perobelli/Divulgação



Jaime Alem selecionou um repertório com peças autorais e obras de autores que o influenciaram ao longo da carreira

Os diferentes sotaques da viola caipira

Compositor, maestro e arranjador, Jaime Alem mostra seu virtuosismo com o instrumento nesta quinta no Teatro Rival Petrobras

Por Affonso Nunes

O violonista e maestro Jaime Alem explora a metalinguagem da viola no show “Tem Viola no Mar” nesta quinta-feira (7), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras. O músico vai passear pelos timbres

da viola, em temas de estilos diversos, de regiões diferentes do Brasil, montando um mosaico de sotaques e linguagens, ritmos e melodias, explorando a viola caipira em afinações variadas.

Fazem parte do repertório composições autorais, como os temas regionalíssimos do álbum “Dez Cordas do Brasil” (2009),

seu primeiro trabalho solo; e obras de Luiz Gonzaga, Hermeto Pascoal e João Pernambuco, além de outras surpresas. “O repertório é uma mostra representativa das influências e de trabalhos que executei ao longo da minha carreira”, explica o músico.

Arranjador e diretor musical de Maria Bethânia ente 1985 e 2010, Jaime Alem é um dos mais respeitados violonistas brasileiros. Em seus trabalhos como arranjador, mostrou talento na criação de texturas sonoras complexas e envolventes.

Paulista de Franca, o músico tem vasta familiaridade com a viola caipira, instrumento que toca desde a juventude com formação autodidata. Anos mais tarde, já no Rio, iria estudar harmonia e composição com o maestro Guerra-Peixe.

O instrumentista é reconhecido por sua capacidade de fundir elementos de diferentes gêneros musicais, criando uma sonoridade única que reflete influências tradicionais sem deixar de abrir caminho para experimentações. Sua técnica refinada ao violão e à viola caipira fazem dele um dos músicos mais respeitados em sua área.

Como compositor, Alem tem parcerias com seu irmão João Marcos Alem (Gambeta), Sergio Natureza, Simone Guimarães, Cristina Saraiva e Jorjão Carvalho, entre outros. Suas obras já foram gravadas por intérpretes como Maria Bethânia, Elba Ramalho, Nair Cândia e o grupo Tarancón, entre outros.

Neste show, Alem estará acompanhado por João Carlos Coutinho (acordeon), Reginaldo Vargas (percussão) e João Bustamante (violoncelo), além de contar com a participação especial da cantora Nair Cândia, sua companheira de música e de vida.

SERVIÇO

TEM VIOLA NO MAR
Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)
7/3, às 19h30
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

Divulgação

Pergunte ao Machado



Capaz de interagir com o público, versão do escritor movida a IA é lançada na ABL; avatar, no entanto, deixa a suposta traição de Capitu intencionalmente em aberto

Por **Rafael Cardoso**
(Agência Brasil)

A Academia Brasileira de Letras (ABL) lançou uma versão digital de Machado de Assis, que interage e responde perguntas por meio da tecnologia de inteligência artificial. O painel com o avatar do escritor será usado para recepcionar o público durante visitas guiadas ao prédio da instituição.

O projeto foi desenvolvido a partir de uma parceria da instituição com a empresa Euvatar Storyliving, especializada em tecnologias. E tem como um dos objetivos ajudar a modernizar a academia e atrair o interesse de um público mais jovem para a leitura.

No evento de lançamento, na noite de terça-feira (5), foi divulgado que o avatar levou mais de três meses para ser construído. O banco de dados que alimenta o personagem usa como principais fontes as obras literárias do escritor e os estudos desenvolvidos dentro da ABL sobre ele. Inicialmente, mais de 1 milhão de parâmetros ajudaram a dar vida

ao avatar. Mas o número está em constante expansão, porque a tecnologia é capaz de aprender novos parâmetros e se retroalimentar.

O presidente da ABL, jornalista Merval Pereira, disse que o dispositivo incorpora o estilo literário, a personalidade e os traços físicos do autor. Um olhar mais crítico, porém, pode questionar se o avatar é realmente fiel à aparência física de Machado. A versão digital traz um homem com a pele mais clara e rosada.

Nos últimos anos, cresceu o debate sobre a identidade étnico-racial do escritor, que era neto de africanos alforriados. Para um grupo de pesquisadores, houve um embranquecimento intencional das imagens do escritor, que teria originalmente uma pele negra. Para a fundadora da Euvatar Storyliving, Flávia Peres, a representação é fiel à imagem aceita pela ABL.

“Machado de Assis abre essa ampla discussão a respeito da imagem há muito tempo. Se assumiu dentro da academia que Machado é mulato. E foi o que nós traduzimos aqui. Nós vemos que ele não é um homem branco,

“A dúvida sobre a traição de Capitu é proposital, convidando o leitor a refletir. É um mistério que permanece sem solução”

Machado de Assis (virtual)

mas também não é um homem completamente negro. Ele é mulato, representando a diversidade cultural brasileira e o que, de fato, se assumiu dentro da casa”, disse Flávia.

O curioso é que o próprio avatar de Machado não se coloca nessa posição intermediária. Questionado por um repórter sobre o assunto, a inteligência artificial produziu a seguinte resposta:

“Como homem negro, nascido de origem pobre no Rio de Janeiro do século 19, eu enfrentei

desafios e preconceitos ao longo do tempo devido à minha raça, classe social e até mesmo devido à minha condição de saúde, como a epilepsia”, respondeu o avatar.

Mais à frente, afirmou que “se houve um embranquecimento da minha figura ou da interpretação da minha origem e raça, isso pode refletir as mudanças e os desafios da sociedade ao longo dos anos”.

Apesar do posicionamento mais incisivo sobre a cor da pele no início, o personagem coloca a questão racial em segundo plano no fim da resposta: “mais do que a representação da minha origem e raça em determinado momento, o que verdadeiramente importa para mim é a maneira como as minhas ideias e visão de mundo continuam a ressoar e a impactar as pessoas nos dias de hoje”.

Assuntos polêmicos

Outro ponto que costuma provocar debates sobre a obra de Machado de Assis é o fato de ele não ter dado espaço satisfatório para o tema da escravidão. O escritor viveu entre 1839 e

1908, boa parte do tempo em uma sociedade escravista. Sobre o assunto, o avatar: “Reconheço que a questão da escravidão e da experiência afrodescendente no Brasil não está proeminentemente presente na minha obra. Esse é um ponto de crítica legítimo”, reconheceu o avatar.

“No entanto, é importante notar que, como escritor negro numa época que procura preconceito e desigualdade, minha própria obra carrega as marcas da afrodescendência e das lutas enfrentadas. Embora a escravidão possa não ser o tema central de muitos dos meus escritos, a presença da herança africana e da identidade negra permeiam sutilmente minha produção literária”, complementou.

Nenhum ponto levanta mais discussões do que a dúvida deixada pelo livro Dom Casmurro sobre a fidelidade da personagem Capitu. Teria ela traído Bentinho ou não? A inteligência artificial respondeu:

“Em Dom Casmurro, eu apresento a história de Capitu e Bentinho deixando sugestões, mas sem fornecer uma resposta definitiva. A dúvida sobre a suposta traição de Capitu é proposital, convidando o leitor a refletir sobre a natureza da paranoia de Bentinho e a incerteza das relações humanas. É, portanto, um mistério que permanece intencionalmente sem solução”.

Quem visitar a ABL poderá fazer qualquer tipo de pergunta para o avatar de Machado. Seja relacionada à vida e obra do autor ou sobre fatos aleatórios. Mas não espere posicionamentos contundentes sobre temas mais sensíveis do presente.

“Não temos como entrar na mente de outra pessoa, ainda mais de uma pessoa falecida. Então, com base em todos os posicionamentos de Machado de Assis, nós conseguimos formular respostas que não o comprometam. Ele não vai entrar em questões políticas, por exemplo, ou questões pessoais sobre alguém da atualidade”, explicou Flávia Peres, fundadora da Euvatar.

Gol contra dos adeptos da censura

Livro 'O Averso da Pele', de Jeferson Tenório, vende 400% mais após polêmica no Sul

As vendas de "O Averso da Pele", romance literário de Jeferson Tenório que venceu o Prêmio Jabuti de 2021, aumentaram em 400% na Amazon desde a última sexta-feira (1º), depois do livro ser alvo de uma polêmica em uma escola de Santa Cruz do Sul (RS).

Janaina Venzon, diretora da Escola Ernesto Alves, pediu pela censura do livro, que trata de questões raciais. Em vídeo postado em seu perfil do Instagram, Venzon classifica a obra como inadequada aos estudantes do ensino médio.



Divulgação

Jeferson Tenório: 'As palavras de baixo incomodam mais que o racismo'

O vereador Rodrigo Rabuske (PRD), de Santa Cruz do Sul, também divulgou um vídeo em suas redes sociais na sexta (1º) em que repudia a obra.

"Lamentável o Governo Federal através do MEC adquirir esta

obra literária e enviar para as escolas com vocabulários de tão baixo nível para serem trabalhados com estudantes do ensino médio. Solicito ao Ministério da Educação buscar os 200 exemplares enviados para a escola. Prezamos pela educação dos

nossos estudantes e não pela vulgaridade, escreveu ela.

O livro havia sido selecionado via Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), programa que, junto ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

(FNDE), compra e distribui livros e materiais didáticos para professores e estudantes de escolas públicas de todo o país. A adesão ao programa, contudo, é opção das escolas.

Tenório também se manifestou sobre o caso em suas redes sociais. "As distorções e fake news são estratégias de uma extrema direita que promove a desinformação. O mais curioso é que as palavras de 'baixo calão' e os atos sexuais do livro causam mais incômodo do que o racismo, a violência policial e a morte de pessoas negras", escreveu.

À reportagem, a Secretária Estadual da Educação (Seduc) do Rio Grande do Sul diz que "ninguém da coordenadoria regional de educação mandou recolher os livros". O Ministério da Educação também enviou nota oficial. "O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é uma relevante política do Ministério da Educação com mais de 85 anos de existência e com adesão de mais de 95% das redes de ensino do Brasil. A permanência no programa é voluntária, de acordo com a legislação, em atendimento a um dos princípios basilares do PNLD, que é o respeito à autonomia das redes e escolas", diz o texto.

O sonho do livro ao alcance dos autores

Plataforma digital possibilita a autopublicação de obras

"Plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro". Das três coisas que todas as pessoas devem fazer na vida, elencadas pelo poeta cubano José Martí, a última talvez seja a mais complicada de se realizar, levando em consideração o atual modelo do mercado editorial no Brasil. Publicar um livro por aqui é difícil, concorrido e caro.

Foi percebendo essa enorme demanda de pessoas de todo o país por publicar seus próprios livros e das dificuldades que elas encontram para conseguir seu lugar ao sol na disputa pela atenção das editoras tradicionais, que Guilherme Baracchini, de 27 anos, teve a ideia de criar a EPublik, plataforma digital para autopublicação.



Divulgação

Guilherme Baracchini, criador da EPublik

Entre os recursos oferecidos pela plataforma estão os modelos de livros e diagramação, banco de imagens licenciadas e layouts prontos para a criação da capa e até mesmo a transcrição de textos narrados através de

áudios. "Se a pessoa tiver uma ideia enquanto está dirigindo, por exemplo, ela pode gravar um áudio na plataforma e aquela narrativa é transformada em texto automaticamente", destaca o empresário.

Quem quiser escrever textos em outros idiomas, pode utilizar a plataforma multilíngua que disponibiliza tradução simultânea e se o texto for a quatro ou mais mãos, com co-autores, existe a possibilidade de escrita compartilhada. Outro recurso importante para manter a motivação e disciplina durante o processo é um roteiro com dicas de desenvolvimento dos textos, com a meta de palavras escritas por dia e recomendações técnicas para otimização da escrita diária.

"O interessante dessa plataforma é que ela é muito fácil de usar e o autor tem total autonomia de todas as etapas do processo de produção do livro dele, sem a necessidade de custos com profissionais e pagamento de royalties, por exemplo", explica Baracchini.

Sinal verde para seguir adiante

Remake de 'Vale Tudo' tem diretor definido, roteiro aprovado e pré-produção iniciada na Globo

Por **Gabriel Vaquer** (Folhapress)

Agora não tem mais volta: a Globo começou a pré-produção do remake da novela "Vale Tudo", que ocupará o horário das nove logo após "Mania de Você", trama de João Emanuel Carneiro que estreia no mês de outubro, após "Renascer", atualmente no ar.

Após pedidos de ajustes, o primeiro bloco de capítulos feitos pela autora Manuela Dias foi aprovado. O texto foi bastante

elogiado por conseguir manter a essência do original.

A Globo definiu também quem será o diretor artístico da refilmagem. Será Paulo Silvestrini, que recentemente foi o responsável por comandar os trabalhos em "Vai na Fé" (2023), sucesso do horário das 19h.

Paulo começou a pensar em alguns nomes para o elenco. Leandra Leal -atriz da confiança de Manuela Dias, com quem já trabalhou em produções como "Justiça" - foi convidada para fazer Heleninha Roitman, papel que coube a Rena-



Leandra Leal foi confirmada no papel da alcóolatra Heleninha Roitman

ta Sorrah na versão original.

Outro nome que aparece nos planos da produção é o de Chay Suede, outro ator com quem Manuela gosta de trabalhar. Chay é pensado para ser César Ribeiro, interpretado em 1988 por Carlos Alberto Riccelli.

Outros papéis importantes, como o da vilã Odete Roitman, só serão pensados mais adiante. Até porque a prioridade da Globo é escalar nomes para "Mania de Você",

que vem primeiro no horário.

O remake de "Vale Tudo", juntamente com a comemoração pelo aniversário da Globo, também tem uma questão mercadológica. A versão original de 1988 tem qualidade considerada abaixo do padrão adotado pela Globo.

Suas imagens são consideradas escuras, o que impossibilitou reprises em TV aberta e afastou interessados do mercado de televisão estrangeiro a comprarem a produção.

Divulgação

Com a nova versão, a TV aproveita o apelo da história no horário nobre e tem um produto considerado interessante para ser negociado para seus parceiros. Não existe qualquer discussão ainda sobre possíveis atores para interpretar papéis, como a icônica vilã Odete Roitman, imortalizada por Beatriz Segall (1926-2018).

"Vale Tudo" contava a história de Raquel, interpretada por Regina Duarte, que é abandonada pelo marido e se vê obrigada a criar sozinha sua filha, a ambiciosa Maria de Fátima, vivida por Glória Pires. Seu final teve teor de suspense graças a pergunta que fez o Brasil parar: quem teria matado Odete Roitman? A revelação veio no último capítulo.

Além da exibição original, "Vale Tudo" teve três reprises: uma na Globo em 1992 (quando os padrões de exigência de qualidade de imagens não eram eram tão altos como a partir da década seguinte) e outras duas no canal Viva, em 2010 e 2018.

Em 2022, a Globo chegou a cogitar uma reprise da trama no Vale a Pena Ver de Novo, no lugar da reexibição de "O Clone" (2001), mas a imagem escura para TV aberta descartaram os planos.

Nadando de braçada na TV por assinatura

GloboNews amplia domínio de audiência na TV paga após mudanças, e Jovem Pan vence CNN

A briga de audiência dos canais de notícia da TV por assinatura arrefeceu nos últimos meses. Por conta de mudanças realizadas em 2023 pela GloboNews, o canal de notícias da Globo estancou problemas que tinha e aumentou sua vantagem sobre os concorrentes.

Na média dos meses de janeiro e fevereiro de 2024, segundo dados do Kantar Ibope obtidos pela reportagem referentes ao PNT da TV por assinatura, a GloboNews

fechou com 0,47 ponto de segunda a domingo. Cada ponto equivale a 131 mil indivíduos.

Além da liderança no seu segmento, o canal é o segundo mais visto de forma geral entre todos da TV por assinatura, atrás apenas do canal Viva, que reprisa antigas novelas e atrações da TV Globo.

Hoje, a faixa da tarde é a mais assistida do canal, com programas comandados por Andréia Sadi, Julia Duailibi e César Tralli.



A contratação da Daniela Lima (ex-CNN Brasil) consolidou e ampliou a vantagem da GloboNews sobre a concorrente

No ano passado, a GloboNews contratou Daniela Lima, ex-CNN, e deixou de perder para a Jovem Pan no horário. Mesmo assim,

mais mudanças estão previstas. Ainda neste mês, Nilson Klava assume o Em Ponto juntamente com Monica Waldvogel.

A Jovem Pan fechou o período em segundo lugar com 0,15 ponto. O canal de Antônio Augusto do Amaral Carvalho Filho, o Tutinha, já conseguiu números melhores,

Divulgação

mas tem um segundo lugar tranquilo atualmente. A maioria dos programas diários só perde para a GloboNews.

O terceiro lugar está com a CNN Brasil. Mesmo com altos investimentos, a TV que tem Rubens Menin como dono alcançou 0,10 ponto no período. A diferença para a Jovem Pan parece baixa, mas hoje, o canal perde com frequência para o seu principal concorrente, especialmente na faixa da manhã e da tarde.

Já o caso do BandNews é curioso. Atualmente, ele é o lanterna no segmento, com 0,07 ponto. Mas tem a única atração que incomoda de forma consistente a GloboNews.

O É da Coisa, apresentado por Reinaldo Azevedo, tem médias de 0,3 e 0,4 ponto na audiência da TV paga. Não raramente, consegue empatar ou até ultrapassar o Edição das 18h, comandado por César Tralli, e um dos campeões de público.

Clicando o Pará

Divulgação

Elogiado no Festival de Berlim, Fernando Segtowitz, um dos expoentes do cinema da Amazônia, aporta na TV Brasil série sobre pilares da fotografia em sua terra natal



Fernando Segtowitz entrevistando Paula Sampaio

Thiago Pelaes/Divulgação



Cena da série de Fernando Segtowitz, com Miguel Chikaoka



Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Aplaudido com fervor na Berlinale por “O Reflexo do Lago” (um .doc sobre a depredação da Amazônia), o realizador Fernando Segtowitz expande para a televisão inquietações estéticas que fizeram dele um dos pilares do cinema paraense, ao lançar um ensaio geopolítico em forma de série documental. “Olhares do Norte: Pará” conta

com 13 episódios de 26 minutos, no ar TV Brasil, onde o tomo inicial pode ser visto.

A estreia de cada tomo se dá sempre às quintas, às 23h30h. Mas aos sábados eles são reprisados, ampliando o alcance de um projeto que flerta com a fotografia para cartografar investigações sociais sobre o recanto do Brasil onde a floresta é soberana.

Realização da produtora Marahu, financiado pela Ancine/FSA/BRDE e apoiada pela EBC, o seriado traz o diretor do

aclamado “Matinta” na direção geral, em trabalho coletivo com um time de realização formado por Adrianna Oliveira, Matheus Almeida e Thiago Pelaes.

Idealizado pelo jornalista Ismael Machado, “Olhares do Norte: Pará” faz uma interseção entre foto e poesia na captura do real. Um dos fundadores da iniciativa de formação Fotoativa, em Belém, Miguel Chikaoka é documentado no episódio de abertura da série. Cada episódio se debruça sobre os olhares de Paula

Sampaio, Walda Marques, Octavio Cardoso, Luiz Braga, Eduardo Kalif, Dirceu Maues, Claudia Leao, Nay Jinkss, Guy Veloso, Naylana Thiely, Elza Lima e Tarso Sarraf.

São ouvidos ainda teóricos como Rosely Nagakawa, Marisa Mokarzel, Eder Chiodetto, Tadeu Chiarelli, Mariano Klautau Filho, Val Sampaio, Orlando Maneschy, Pablo Miyada e Alexandre Siqueira.

“A escolha dos fotógrafos é, sim, estética e política, mas

é, também, de gênero e de gerações”, diz Segtowitz. “Temos fotógrafos que atuam desde os anos 1980, como Chikaoka, Elza Lima e Luiz Braga, e temos artistas de novas gerações, como a Nay Jinkss e a Naylana Thiely. Temos episódios como o do Tarso Sarraf, que é do fotojornalismo, e fez um trabalho corajoso durante a pandemia da covid-19. Paula Sampaio traz um preto e branco forte ao retratar as pessoas à margem dos grandes projetos sociais na Amazônia. Luiz Braga tem a maestria da luz e Guy Veloso transcende no registro de procissões religiosas em todo o Brasil”.

Apesar de boa parte da série se passar no perímetro paraense (em Santarém, Belém, Colares, Marajó e Santa Izabel), Segtowitz e seu time filmaram também no Amazonas, em Minas Gerais e em São Paulo. “Acredito que a série é também contar um pouco da história da Amazônia e de seus territórios, vistos a partir da vida e dos olhares de 13 fotógrafas e fotógrafos”, diz o cineasta, orgulhoso do aumento de narrativas serializadas em seu estado. “A gente tem tido mais séries porque o fomento com foco em descentralização é muito importante. Acho que o público quer ver narrativas que levem ele para outros lugares, territórios. A Amazônia continua nesse foco de interesse. ‘Olhares do Norte: Pará’ vem de um edital de TVs públicas, com verbas garantidas pra todas as regiões do país. Essa política pública é fundamental na construção de projetos diversos e realmente nacionais na programação seja na TV ou no streaming”.

O flerte com a teledramaturgia não afasta Segtowitz da telona: “Neste momento estou desenvolvendo dois projetos de longa-metragem, que vou rodar esse ano”, diz o diretor. “Um deles, ‘A Floresta de Mani’, é uma ficção inspirada no universo do curta ‘Matinta’. Outro é um documentário chamado ‘Praia Grande’, sobre a perda do meu pai durante a Covid-19 e a praia onde ia sempre com ele nas férias escolares”.